

## DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DOS JOVENS NA CIDADE DESIGUAL

Francinelly Aparecida Mattoso\*

### RESUMO

O presente artigo discute as implicações da dimensão territorial na vida dos jovens pobres. Privilegia-se como eixos de análise a juventude, entendida como categoria socialmente construída e sua relação com o espaço e tempo histórico; o território, a partir das relações estabelecidas pelos jovens por meio de suas práticas e interações cotidianas em seus espaços de inserção na cidade e as repercussões daí advindas, no que se refere aos limites e possibilidades de participação desses sujeitos. Os resultados do estudo demonstram que jovens com mesmo perfil sócio-econômico, mas que vivenciam dinâmicas sócio-espaciais distintas, estabelecem perspectivas de participação e de futuro destoantes em virtude das desigualdades vivenciadas na cidade.

**Palavras-Chave:** Jovens Pobres, Território e Ação Política

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, em uma sociedade que experimenta profundas e aceleradas mudanças, indaga-se recorrentemente sobre qual lugar social está reservado aos jovens. Com suas trajetórias circunscritas a processos sociais complexos, que se alteram conforme os espaços, tempos e contextos em que estão inseridos, diferentes segmentos juvenis explicitam demandas e constroem caminhos diferenciados em suas vidas.

A realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder. A juventude é entendida então como uma construção social, a partir das múltiplas formas como a sociedade vê os jovens e nas quais se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo, entre outros.

A questão principal a ser discutida refere-se à vivência cotidiana dos jovens em espaços diferentes da cidade, demarcados por processos de heterogeneidade e homogeneidade, e as repercussões dessa inserção em termos de ações e possibilidades de participação social.

\* Mestre em Serviço Social pela UFJF. Artigo síntese da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, em junho de 2010, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Maria A. T. Cassab. Agradecimento à CAPES pelo apoio financeiro para a realização do estudo.

A discussão baseia-se em estudo desenvolvido com trinta e um jovens residentes em dois bairros situados no entorno do campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Dom Bosco e São Pedro - participantes do projeto “Comunicação e Educação Geracional” realizado pela Casa de Cultura da UFJF no ano de 2009 por meio de oficinas sócio-educativas e “grupos de discussão”. A partir dessas atividades os jovens apresentaram suas percepções sobre temas como educação, trabalho, cidade e participação política, possibilitando compreendê-los no momento presente, a partir de suas experiências e vivências cotidianas.

Buscou-se apreender de que forma a localização em espaços de maior heterogeneidade social possibilita novas formas de sociabilidade a partir das diferenças existentes, em contrapartida aos espaços homogêneos, que não permitem aos indivíduos a vivência do estranhamento e dessa forma, possibilitam o conformismo.

## **A VIVÊNCIA DOS JOVENS POBRES NA CONTEMPORANEIDADE**

Juventude é um conceito construído histórica e culturalmente. As definições sobre “o que é ser jovem?”, “quem e até quando pode ser considerado jovem?” têm mudado no tempo e no espaço e refletem disputas no campo político, econômico e também entre gerações.

Falar em juventude implica reconhecer a temporalidade presente nessa noção. Em cada período histórico e nas várias formações sociais, as concepções, as representações, as funções atribuídas aos jovens na vida social e a compreensão de seu desenvolvimento serão diferentes. Além desta diversidade, no interior da própria formação social, haverá diferenças a partir da posição que o jovem ocupa nas relações sociais.

Grosso (2000) defende que a juventude como categoria social corresponde a uma representação sócio-cultural e a uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens; significa uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas.

Para o autor, a juventude é um componente importante na formação e funcionamento das sociedades modernas, a partir do qual análises qualificadas e relevantes da modernidade podem ser desenvolvidas ao combiná-la com outras categorias sociais. Observa que a categoria social juventude tem uma importância crucial para o entendimento de diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações. As faixas etárias e a cronologização do curso da vida são constituições da sociedade moderna, assim como as classes sociais.

Com base nesses postulados, pode-se dizer que os jovens vivem, na contemporaneidade, numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, que afetam, de modo indelével, sua transição para a vida adulta. Sujeitos de uma sociedade do consumo ostentatória – cujo principal traço é suscitar nas juventudes, mas não apenas entre elas, aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria -, transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e acirramento das diferenças, constituem algumas de suas faces mais visíveis.

Nos últimos anos, quer pela necessidade de uma maior permanência no sistema educacional, quer pela dificuldade de os jovens ingressarem no mercado de trabalho – e, com isso, adquirirem autonomia e independência econômica face às suas famílias, para, inclusive, constituírem novas famílias -, a condição juvenil vem sendo crescentemente prolongada.

Ainda que as diferenças sejam marcantes, existem, no entanto, algumas características que parecem comuns a todos os grupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se, entre uma série de outras: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc.

Segundo Cassab (2001), não é possível falar de juventude no singular. As múltiplas formas de inserção dos jovens a partir de suas origens e posição de classe é que determinarão de que jovens se fala. Para a autora, a referência aos jovens como sujeitos sociais, existentes em uma classe social, implica reconhecer que os mesmos são marcados pela historicidade, constroem-se em um universo de cultura e só podem ser pensados como seres relacionais e políticos.

Ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas, sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente construídos. Como travessia, não está nitidamente delimitada, é mais longa nas sociedades industriais, e foi extremamente breve em outros períodos; mas de todo modo, ela aparece marcada por seu caráter limiar, de superação da infância e de margear a idade adulta (CASSAB, 2001, p. 63-4).

No Brasil, boa parte da juventude sofre com o agravamento das condições sociais, em especial os residentes nos grandes centros urbanos. Os jovens se apresentam, em quadro geral, como uma população demandante de políticas públicas que proporcionem melhorias na qualidade de vida, como demonstram as pesquisas nacionais.

Os jovens pobres vivenciam essas transformações de forma ampliada, já que os reflexos dessa situação os atingem de forma a dificultar o acesso à educação e ao mercado de trabalho. Novaes (2008) afirma que a desigualdade mais evidente entre os jovens remete à classe social e que essa diferenciação de classe torna-se mais complexa quando são introduzidos no debate quesitos como gênero e raça, os quais interferem nas trajetórias dos jovens.

A pobreza é uma categoria importante, complexa, que envolve muitas dimensões. É através dela que os sujeitos reportam seu pertencimento a um lugar social determinado, definido e situado no tempo. Para além dos indicadores relacionados à renda e ao usufruto de bens, serviços e da riqueza socialmente produzida, a pobreza é fenômeno multidimensional, é categoria política que implica carecimentos no plano espiritual, no campo dos direitos, das possibilidades e esperanças.

Segundo Lavinias (2002), a pobreza institui-se como questão social no momento em que surgem as grandes cidades, demandando intervenções do setor público com vistas a uma regulação eficaz dessa questão.

A pobreza, então, é um fato urbano, sendo que além da maioria dos pobres viverem nas cidades e zonas metropolitanas, observa-se que a reprodução da pobreza é mediada pela reprodução do modo urbano das condições de vida, através da dinâmica do mercado de trabalho e da natureza do sistema de proteção social.

A discussão da pobreza remete ao estado de carência que pode colocar em risco a condição humana, ou seja, um padrão de vida aquém do que é preciso para sobreviver, sendo

pobre aquele que não tem suas necessidades atendidas a partir de mínimos vitais e variáveis em função do grau de desenvolvimento e do nível de riqueza de dada comunidade ou sociedade, sendo a pobreza um estado relativo.

Destaca-se que a análise da condição juvenil na contemporaneidade apresenta como imperativo as experiências de trabalho e não-trabalho na vida dos sujeitos, produzindo importantes impactos nas formas de pertencimento e ação política dos jovens.

Pertencer à mesma classe ou geração franqueia ao indivíduo uma situação comum espaço-temporal, o que delimita um horizonte potencial de experiências que predispõe o sujeito na classe a uma forma de ação, de pensamento e em particular a um tipo característico de ação historicamente relevante. Por outro lado, um outro grande número de experiências e formas de pensamento está excluído, delimitando as possibilidades de auto-expressão abertas ao sujeito.

De acordo com Oliveira (2003), a existência da “consciência de classe” na sociedade capitalista demanda um processo do qual são engendradas consciências recíprocas das classes e a partir desse movimento é que a “consciência de classe” é gestada. Paralelamente, segundo o autor, é a mediação entre a produção e a reprodução que possibilita o momento da subjetividade ou da subjetivação da objetividade, a partir da inserção na divisão social do trabalho, possibilitando ao indivíduo a apreensão de seu pertencimento a uma classe específica, a qual ocupa determinado lugar no processo produtivo. E esse movimento de reconhecimento é o espaço da política.

Na atualidade, a classe trabalhadora configura-se pela complexidade, heterogeneidade e fragmentação, o que implica em significativos desdobramentos na vida dos jovens trabalhadores. Dessa forma, os jovens vivenciam experiências de isolamento em suas relações com outros. Nesse isolamento ele é fraco, pois não se torna um sujeito coletivo, integrado em fluxos de interesses e compartilhamentos, capaz de se apresentar como portador de um discurso e de uma prática social nas arenas de negociação dos antagonismos sociais.

Segundo o IPEA (2010), 30,4% dos jovens podem ser considerados pobres, pois vivem em famílias com renda domiciliar per capita de até ½ salário mínimo. Os jovens de baixa renda estão concentrados na região Nordeste (50,9% do total do país), com destaque para o fato de que 37,5% da juventude nordestina são constituídas de jovens pobres que

vivem em áreas rurais. Os jovens pobres são majoritariamente não-brancos (70,8%), enquanto os jovens brancos são 54,1% dos não-pobres. Esses dados demonstram que a questão racial é um elemento importante ao se discutir juventude e pobreza, tendo em vista que de acordo com os dados a maioria dos jovens pobres é negra.

Especialmente, para os jovens pobres, o trabalho pode contribuir para a supressão de certas marcas do não pertencimento. Estar trabalhando é uma forma de “mostrar” para a sociedade que pertence à classe trabalhadora e, não ao mundo do tráfico de drogas, por exemplo. Dessa forma o trabalho para esses jovens pode abrir novas vias de sociabilidade e integração societária.

Segundo Cassab e Negreiros (2010), os jovens vivenciam um contexto em que a escolaridade passa a ser cada vez mais cobrada, considerada como imprescindível para o desenvolvimento econômico. A qualificação para o domínio de novas tecnologias presentes nos processos de trabalho, seja nos serviços ou no fabril, surge como exigência feita pelo capital de uma força de trabalho capacitada a lidar com as inovações tecnológicas já existentes, bem como preparados para implementações constantes de novas tecnologias. A incapacidade de manejo dessas tecnologias é um fator de déficit e de sentido de menos valia na formação do *ethos* do trabalhador.

Pensar os jovens como “sujeitos coletivos na contemporaneidade” demanda abordagens que entrelacem o tempo histórico, a história individual de cada sujeito e as relações intra e extrageracionais estabelecidas, no âmbito das famílias, das escolas e outros espaços de sociabilidade.

## **AS IMPLICAÇÕES DOS LOCAIS DE MORADIA E DA MOBILIDADE URBANA PARA OS JOVENS**

Rolnik (1989), ao discorrer sobre a cidade, observa que a mesma é fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, constituindo-se como uma obra coletiva que traz indissociável de sua existência material uma existência política.

Centro de expressão de domínio sobre um território a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação, o que remete à imagem de cidade como centro de produção e consumo que domina a cena urbana. “Nas cidades contemporâneas não há

praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado (ou pela produção para o mercado)”. (ROLNIK, 1989, p. 28).

A consideração da ação humana no cotidiano da cidade possibilita visualizá-la como uma espacialidade, em movimento, como um espaço vivido, vinculado à prática social.

Oliveira (1982), ao discorrer sobre as relações capitalistas na cidade, observa que as relações ente o Estado e o urbano podem ser vistas sob vários ângulos, sendo dois deles referentes diretamente às relações de produção: pela divisão social do trabalho (relações de produção) e a relação entre o Estado e o urbano na economia e na sociedade brasileira (regulamentação das relações entre capital e trabalho). Nesse sentido, o Estado intervém regulando as relações entre capital/trabalho, sendo este o aspecto mais crucial da relação entre o Estado e o urbano no Brasil.

Essas relações remetem à relação que se estabelece entre morador da cidade e poder urbano, que significa uma maneira de organizar o território e uma relação política. A cidade entendida como espaço social construído, produzido, projetado, portanto, como espaço urbano, entendido a partir da contigüidade na produção, na moradia, a partir de determinado volume de mão-de-obra, de um modo de vida específico e da relação produção/reprodução do modo de produção capitalista. “Assim, ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos”. (ROLNIK, 1989, p. 21,22).

A apreensão da cidade assim permite compreender que determinado espaço se circunscreve em um espaço maior, um espaço internacional dos fluxos de capital, do trabalho, da informação, sendo cada fragmento do espaço dotado de características próprias regionais e locais distintas.

No processo de mundialização os lugares se tornam singulares e específicos devido à especialização dos elementos do espaço e à dissociação crescente dos processos e subprocessos necessários a maior acumulação do capital e à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças com diversas direções e complexidades. Cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também explicitamente ligado a todos os demais por um único nexos dado pela racionalidade do modo de produção capitalista. Dessa forma, o lugar se reproduz na articulação contraditória entre escalas diferenciadas, ou seja, o mundial e a especificidade histórica do particular. (HARVEY, 2004).

A relação global/local apresenta-se nos aglomerados urbanos por meios de interação entre os sujeitos que lhes permitem produzir uma cultura local na qual se reconhecem. Consequentemente, os grupos se distinguem por uma afinidade de valores e modos de vida comuns e estratégias de enfrentamento da vida cotidiana semelhantes, que interagem com o ambiente urbano mais geral.

É nesse sentido que a discussão do espaço urbano ganha relevância, tendo que a sociedade urbana configura-se atualmente enquanto expressão das relações intrincadas entre o global e o local ao comportar em si as características do mundo moderno, sendo o nível no qual o cidadão constrói e se apropria do espaço e do mundo.

A reprodução das relações de produção configura o cotidiano, o espaço e o urbano a partir das determinações da valorização do capital e da estratégia estatal de fabricação de uma morfologia hierarquizada que se caracteriza a partir de uma rede de fluxos que interligam os lugares, ao mesmo tempo em que expressa a morfologia social, que hierarquiza os indivíduos na sociedade.

A população se multiplica e empobrece nas cidades experimentando a degradação de suas condições de existência. Nesse processo a cidade se estabelece também como relação social que em sua materialidade é produtora de pobreza, pois faz dos habitantes dos territórios de pobreza, pessoas ainda mais pobres.

A acumulação do capital fundada no livre mercado, em sua incidência sobre um variegado terreno geográfico de dotações de recursos, histórias culturais, possibilidades de comunicação, quantidades e qualidades de trabalho (terreno geográfico que é cada vez mais um produto diferenciado de investimentos de capital em infra-estruturas, “em capital humano” e ambientes construídos), produz ao mesmo tempo a intensificação do desenvolvimento geográfico desigual em termos de padrão e de perspectiva de vida. Regiões ricas tornam-se mais ricas, deixando regiões pobres ainda mais pobres (HARVEY; 2004, p.233).

Indissociável da dimensão espacial está a dimensão temporal, tendo em vista que em um mesmo espaço podem coexistir diferentes períodos. O espaço, a partir de sua caracterização como um conjunto de elementos no qual coexistem diferentes épocas, sintetiza a trajetória da sociedade e auxilia na explicação das situações presentes na atualidade. Nesse

sentido, o território é composto pelas ações passadas e pelas presentes, dando forma ao território hoje existente.

Santos (1993) chama a atenção para o fato de que a rede urbana adquire significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo, havendo num extremo aqueles que podem utilizar todos os recursos aí presentes e na outra extremidade aqueles que nem podem levar ao mercado o que produzem, os que, pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais.

Para o autor, morar na periferia é condenar-se duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este irá determinar quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar.

As desigualdades sociais se concretizam nas condições de vida dos lugares, sendo que para uma leitura da realidade devem ser consideradas as diferenças, desigualdades e discrepâncias existentes entre as condições de vida das populações associadas aos territórios onde vivem.

O acesso aos equipamentos de educação e saúde, aos sistemas públicos de comunicação mais abundantes no núcleo urbano e à maior variedade e acessibilidade aos transportes urbanos estabelece importantes diferenças das condições de vida em comparação àquelas experimentadas pelos moradores das periferias afastadas do núcleo metropolitano.

O processo de reprodução do espaço comporta, em sua dimensão local, a constituição de um processo que se realiza na relação cidadão/cidade baseada na construção da identidade, no sentido do “pertencer ao lugar”, posto que a vida humana se realiza no plano do lugar.

“O lugar, por ser uma fração do espaço geográfico, comporta também uma indissociabilidade entre sistemas de objetos e ações, além de agrupar todas as existências que nele convivem”. (BALBIM, 2003, p. 158).

O território pode ser compreendido assim como espaço de exercício da vida, onde a sociedade revela sua natureza em materiais simbólicos e históricos, sendo a discussão política sobre o direito à cidade intimamente relacionada a esses aspectos. Deve-se levar em conta ainda a interdependência e inseparabilidade entre sua materialidade, que inclui a natureza e o seu uso e a ação humana por meio dos usos, do trabalho e da política.

Nessa perspectiva, a noção de local implica não somente a discussão física, mas as relações construídas pelos homens que nele vivem, considerando-se a dimensão cultural das populações, suas particularidades, seus anseios e não somente suas necessidades. Paralelamente, tal perspectiva proporciona o fomento da discussão sobre o fato do território contemplar possibilidades de inclusão social, efetivação da cidadania e democratização de informações, com a conseqüente participação dos indivíduos na vida da cidade.

É necessário o entendimento de que aliado à condição do habitar, inerente a continuidade da vida no tempo e no espaço, seja estabelecida a locomoção como garantia dessa continuidade, a partir dos deslocamentos que extrapolam o espaço do bairro ou da vizinhança. O que se coloca em questão é o direito de ir e vir e circular livremente nos diferentes espaços da cidade, o direito ao espaço público, ao seu uso e apropriação e o direito aos serviços e equipamentos públicos.

Destacam-se a ruptura e o excepcional, que já fazem parte do cotidiano, como formas de garantir ao homem a idéia da transformação da vida e de seu espaço de vida. E nesse sentido, articular a prática cotidiana a uma práxis social que manifesta sua importância no fato dela ser expressão do sujeito coletivo, transindividual, cuja ação é pertinente nas transformações históricas, grupos cuja práxis e consciência são orientadas para o conjunto das relações inter-humanas.

## **A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS POBRES NA CIDADE**

A juventude assume faces diferentes de acordo com as condições materiais e culturais que a cercam, de acordo com o território em que se encontra. Essa constatação remete à importância da apreensão do território em suas particularidades/heterogeneidades, o qual torna-se categoria fundamental de análise quando se põe em questão as condições de vida em geral da população e especialmente dos jovens pobres e os processos a que estão submetidos.

Essa abordagem adquire especial importância quando remetida à realidade dos jovens pobres no espaço urbano. Dados apresentados pelo IPEA (2010) demonstram que 33,6% dos jovens urbanos vivem em moradias inadequadas fisicamente - 2 milhões moram em favelas, sendo que 70,5% dos jovens pobres vivem em áreas urbanas e enfrentam questões como o

desemprego, a violência, a exclusão do acesso à educação, ao mercado de trabalho, o veto à participação e o isolamento espacial.

A vivência da juventude pelos jovens pobres é demarcada ainda por um outro critério de diferenciação que possui grande relevância para este estudo: o local de moradia. Hoje, o endereço não é apenas um indicador de subalternidade econômica ou de diferenciação de classe social. Certos endereços trazem consigo a marca de áreas urbanas subjugadas pela criminalidade e negatividades.

Ao preconceito e discriminação de classe, gênero e cor, adiciona-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. Nesse cenário, para a determinação das possibilidades de inclusão/exclusão social, é diferente ser pobre, negro ou branco, homem ou mulher e viver ou não viver em uma área da cidade classificada como violenta. (...) Conscientes da existência da “discriminação por endereço” presente no mercado de trabalho, muitos jovens encontram estratégias para ocultar o lugar onde vivem e lançam mão de endereços de parentes, de bairros próximos ou caixas postais (NOVAES, 2008, p.122-3).

Nesse sentido, são trabalhados aqui os conceitos de pobreza e desigualdade, conforme abordagem desenvolvida por Marques (2005), objetivando apresentar elementos que permitam entender a vivência da juventude no que se refere às relações estabelecidas na cidade.

A partir do caráter sociológico da concepção de pobreza, entende-se que os jovens pobres não conseguem sobreviver acima do mínimo, não têm acesso suficiente aos mais importantes benefícios das sociedades urbanas modernas, como educação, saúde, cultura, devendo-se considerar ainda os diferenciais de acesso a políticas e serviços públicos nas áreas periféricas. Tais questões influenciam na complexidade da organização espacial.

A restrição de acesso a que os jovens são submetidos deriva dos mecanismos de desigualdade social e de distinção territorial, tendo em vista que é justamente na área pauperizada do espaço urbano que se encontra os maiores índices de repetência escolar, gravidez na adolescência e criminalidade, como os diferentes tipos de violências vividas pelas crianças e jovens em experiências de isolamento social e dificuldades de acesso à renda e aos benefícios da cidade.

A desigualdade social manifesta-se na cidade por meio das distinções de oportunidades, das desigualdades de acesso aos bens públicos, na falta de infra-estrutura

urbana de determinadas localidades. Nesse sentido, o território pode cumprir importante papel de produção e reprodução das desigualdades, reforçando circuitos e cristalizando situações de pobreza.

Os diferenciais de acesso tendem a crescer à medida que aumenta a homogeneidade das diversas regiões da cidade, acompanhando as distâncias entre as oportunidades em geral e os grupos sociais mais pobres e mais mal posicionados na estrutura social. Dois conjuntos principais de acesso estão aqui presentes – acesso ao mercado de trabalho (que gera oportunidades diferenciadas) e acesso às políticas públicas (que geram as amenidades e os serviços que caracterizam a vida urbana) (MARQUES, 2005, p. 42).

Os jovens da periferia vivenciam a pobreza, a privação (ausência de renda e precário acesso aos serviços públicos) e a fragilização dos vínculos afetivos e de pertencimento social. Nessas localidades, os jovens estão expostos a riscos provenientes da violência e violação de direitos vivenciados cotidianamente, o que torna mais remotas suas possibilidades de participação política.

O lugar diz respeito ao conjunto de objetos e recipientes de diversas determinações (econômicos, sociais, culturais e políticos), incluindo as emoções e pressupondo o futuro como projeto e o passado como herança; portanto o valor dos indivíduos depende do lugar que eles ocupam.

A mobilidade refere-se à acessibilidade aos lugares e a criação de redes de relações, que determina a reprodução da existência.

O lugar na visão de Balbim (2003) se define como o espaço de permanência e o espaço de mobilidade. O lugar de permanência, habitar, é necessário para a continuidade da vida, mas a mobilidade é a garantia de que a continuidade não se torne imutável e angustiante. O deslocamento de pessoas, por exemplo, a partir da inserção social e do uso do espaço é criador de solidariedades, de redes de relações e torna-se uma das mais importantes partes constituintes do cotidiano, onde ocorre o funcionamento harmônico dos desiguais, mas não necessariamente harmonioso e torna-se o espaço de conflito, negociação, de inter-relações.

O ideal de ruptura com o *status quo* é o que move por muitas vezes as relações cotidianas, à medida que permite ao indivíduo sair do imutável e do angustiante e reavivar o ideário de transformação, que é inerente à condição humana. A ruptura e o excepcional fazem parte do cotidiano, pois a mudança só irá acontecer a partir de uma transformação das repetições.

## **OS JOVENS PESQUISADOS E A CIDADE DESIGUAL: JUIZ DE FORA, OS BAIRROS DE ORIGEM E AS DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS ESTABELECIDAS**

Juiz de Fora, cidade de porte médio, localizada na mesoregião da Zona da Mata Mineira<sup>1</sup>, no sudeste de Minas Gerais, possui uma área total de 1.429,8 Km<sup>2</sup> dividida em quatro distritos (o Distrito Sede, o Distrito de Torreões, o Distrito de Rosário de Minas e o Distrito de Sarandira), com uma população estimada pelo IBGE para 2009 de 526.706 habitantes. Esta população se distribui em 99% na zona urbana e 1% na zona rural, sendo a composição por sexo caracterizada por uma tendência das populações eminentemente urbanas, qual seja o contingente feminino (52%), maior que o masculino (48%).

A centralidade da cidade na mesoregião da Zona da Mata alicerça-se na infra-estrutura viária e nos equipamentos urbanos de comércio e serviços. No que diz respeito à importância econômica, Juiz de Fora tem suas principais atividades distribuídas da seguinte forma: 1) Comércio; 2) Indústria de transformação; e 3) Serviços (IBGE, 2000). O comércio, principalmente varejista, e um setor de serviços abrangente (hospitais, clínicas, universidades, rede escolar, outros serviços especializados) constituem-se em forte elemento de atração para populações de outros municípios.

O bairro Dom Bosco, localizado na região central da cidade, faz divisa com os bairros São Mateus, Cascatinha e com a UFJF e possui aproximadamente 5.000 habitantes, de acordo com o Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2009.

Embora localizado na região Centro do município, o bairro Dom Bosco juntamente com o Santa Cecília, Mundo Novo e Vila Ozanan constituem um grupo diferenciado dos demais bairros desta região. Eles destacam-se por possuírem um padrão de ocupação inferior aos bairros vizinhos, porém com uma tendência de melhoria verificada principalmente nas partes baixas. Apresentam predominância de uso residencial e padrão sócio-econômico baixo a médio; o sistema viário é insuficiente, com vias estreitas de declividades acentuadas; há ocorrência de ocupações em encostas muito íngremes, que se constituem em áreas de risco.

Observa-se que o bairro Dom Bosco é portador de fortes “externalidades negativas”, que no dizer de Torres e Marques (2004), estão relacionadas à residência em bairros com alta concentração de pobres.

Nestes locais, o desempenho escolar tende a ser pior, por exemplo, simplesmente porque os jovens estudam numa escola onde o nível socioeconômico é baixo. Além disto, a probabilidade de se conseguir um emprego formal é menor, porque existe uma baixa proporção de pessoas empregadas no setor formal, reduzindo as possibilidades de alguém conseguir trabalho através das suas relações sociais. Finalmente, em muitos casos a população destes locais tende a estar mais exposta a outros riscos relacionados ao saneamento precário, à instabilidade na propriedade da terra e à violência (TORRES E MARQUES; 2004, p.1).

Dessa forma, visualiza-se um quadro que se repete em outras localidades do município, no qual se tem uma contraposição entre uma minoria qualificada e uma maioria com condições urbanísticas precárias relacionadas a todas as formas de desigualdade. Essa condição, segundo Rolnik (2002), é muito mais do que expressão da desigualdade de renda e das desigualdades sociais: é agente de reprodução da desigualdade.

O bairro São Pedro localiza-se na região Oeste da cidade e faz divisa com vários bairros, dentre eles Nossa Senhora de Fátima, Adolfo Vireque, Cruzeiro Santo Antônio, Tupã e Santana; possui aproximadamente 12.000 habitantes.

A história do bairro São Pedro está intrinsecamente ligada à história de Juiz de Fora, com a sua data de surgimento a partir de 1858, quando imigrantes alemães chegaram à cidade e se concentraram na região, atraídos pelo clima ameno da Cidade Alta<sup>2</sup>.

Com a chegada crescente de novos moradores, o comércio foi incrementado e a área, valorizada. Hoje a região liderada pelo bairro São Pedro apresenta-se como área de investimentos pela boa rede de infra-estrutura estabelecida no local, por sua localização estratégica e pelos novos empreendimentos em curso.

Na região há ainda uma grande diferenciação entre os tipos de lotes e moradias, já que coexistem lotes de reduzido tamanho, destinados aos moradores de baixa renda, com condomínios fechados voltados para uma população de renda mais elevada, até granjeamentos e microáreas de exclusão social<sup>3</sup>.

As diferenciações internas são verificadas também pelos índices de rendimento médio dos chefes de família, que vai da faixa de menos de dois salários mínimos no Bairro N. Sra. de Fátima até os mais de dez salários mínimos no Imperador. (Plano de Desenvolvimento Local de Juiz de Fora, 2007).

Os bairros Dom Bosco e São Pedro caracterizam-se como bairros essencialmente diferentes. O Bairro Dom Bosco é majoritariamente habitado por afro-brasileiros. A presença e expansão do hospital privado e a inauguração do shopping nas suas proximidades, trouxe mudanças significativas para o bairro, de forma que este passou a ser visto como uma região indesejada devido aos contrastes visual, social, cultural e econômico em relação à região na qual se situa.

O bairro São Pedro apresenta melhor infra-estrutura urbana se comparado ao Dom Bosco e devido sua localização há dificuldades em delimitar claramente os limites do bairro, uma vez que a comunidade residente na região se organiza a partir de subdivisões territoriais.

No que se refere aos bairros citados, remete-se aqui às considerações desenvolvidas por Marques (2005) a respeito de categorias como periferia, segregação, processos heterogêneos e homogeneidades.

Ao remeter-se ao bairro Dom Bosco, a partir dos processos de segregação vivenciados pelo mesmo nos dias de hoje, entendido como bairro periférico a partir de sua localização na região na qual se insere, busca-se em Marques a conceituação de periferia, que tende a caracterizar o local onde “as rendas diferenciais tendem a zero” e como o espaço onde são registradas inúmeras extorsões produzidas pelo capitalismo periférico, sendo caracterizadas como locais homogêneos em que se acumulam problemas, com a superposição de características negativas de ações do Estado e do ambiente urbano, assim como do mercado de trabalho.

A partir desse entendimento, é possível inserir a abordagem dos heterogêneos processos que produzem separação e concentração de grupos sociais, produzindo e reproduzindo desigualdades sociais. No caso do bairro mencionado, destacam-se os processos de isolamento e apartação social, as desigualdades de acesso às políticas públicas e condições de vida de uma forma geral e com especial enfoque a separação no sentido de uma homogeneidade interna e uma heterogeneidade externa na distribuição dos grupos no espaço. Esses processos se constroem e reconstroem mutuamente, manifestando-se de forma combinada.

No que se refere ao bairro São Pedro é possível afirmar que há diferentemente uma heterogeneidade interna de distribuição dos grupos no espaço, o que proporciona formas de sociabilidades diferenciadas e conseqüentemente uma experiência urbana demarcada por perspectivas de mobilidades.

Essa diferenciação territorial, demarcada por processos homogêneos e heterogêneos, repercutem significativamente nas experiências sociais dos jovens moradores dos bairros em questão e produzem perspectivas de futuro diferenciadas para cada grupo juvenil.

As informações coletadas e apresentadas a seguir derivam das atividades desenvolvidas no ano de 2009 na Casa de Cultura da UFJF com trinta e um jovens dos bairros Dom Bosco e São Pedro participantes do projeto “Educação e Cultura Geracional”<sup>4</sup>, financiado pelo Ministério da Cultura (MINC).

Do total de jovens participantes, dezesseis residiam no bairro Dom Bosco e estavam na faixa-etária entre 14 e 18 anos (seis do sexo masculino e dez do sexo feminino). Todos se auto-declararam afro-descendentes (quatorze negros e dois pardos).

Todos os jovens cursavam o Ensino Médio em escola pública: cinco cursavam o 1º ano do ensino médio, nove o 2º ano e dois se encontravam no 3º ano. Desses, somente cinco estavam matriculados na escola estadual localizada no bairro, os quais foram transferidos para outras escolas da rede estadual logo após o fechamento da instituição. Os demais alunos estudavam em escolas localizadas em bairros da região Centro

Todos os jovens residiam com as famílias, compostas por quatro a seis membros e com renda entre dois e quatro salários mínimos; doze jovens afirmaram morar em casa própria, três em imóvel cedido por parentes e apenas uma jovem declarou residir em casa alugada. Dessas famílias, quatro eram beneficiárias do programa Bolsa-Família.

Os quinze jovens residentes no bairro São Pedro e adjacências estavam na faixa-etária entre 15 e 19 anos (a maioria, nove, possuía 16 anos). Do total, cinco são do sexo masculino e dez do sexo feminino. Seis jovens se declararam brancos, seis pardos e três negros. Todos cursavam o 2º ano do ensino médio na Escola Estadual do bairro São Pedro, escola recém inaugurada e que conta com moderna infra-estrutura.

Os jovens em sua totalidade residiam com a família, composta em sua maioria por mãe, pai ou padrasto e irmãos e outros membros, sendo expressivo o número de famílias

monoparentais (cinco famílias). Dez famílias possuíam renda entre um e três salários mínimos, quatro entre três e quatro salários e uma possuía renda acima de quatro salários.

Quanto às condições de moradia, onze jovens afirmaram morar em casa própria, dois em imóvel cedido por parentes e dois em casa alugada. Dessas famílias, três eram beneficiárias do programa Bolsa-Família.

Os dados apresentados demonstram que em virtude do processo de seleção para participação no projeto os jovens residentes no Dom Bosco se diferenciaram entre si em virtude da escola e série a que se vinculavam, ao passo que os jovens de São Pedro estavam todos matriculados na mesma escola e série, sendo inclusive da mesma turma. Além disso, os dados demonstram que há uma pequena defasagem entre idade e ano escolar no tocante aos jovens de ambos os bairros.

No que se refere à divisão entre jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino participantes, identifica-se uma grande diferença na medida em que as jovens são quase o dobro dos jovens. Essa diferença pode ser explicada não somente pelas características demográficas do município, em que o contingente feminino é maior do que o masculino, como também segue uma tendência nacional no que se refere à escolarização.

No que se refere ao quesito cor destaca-se a homogeneidade existente entre os jovens de Dom Bosco, à medida que todos se declararam afro-descendentes, e a heterogeneidade entre os de São Pedro, com seis jovens auto-declarados brancos, porém com maioria composta por pretos e pardos.

No que se refere às condições familiares não se identifica grandes diferenças entre os jovens de ambos os bairros. Quanto à renda familiar, tem-se uma concentração no bairro Dom Bosco nas faixas entre dois e três salários mínimos e acima de quatro salários, o que pode ser explicado pelo fato das famílias serem numerosas, possuindo na maioria dos casos entre cinco e seis membros. Já em relação à renda *per capita* observa-se que em ambos os bairros a maioria das famílias apresenta-se na faixa que compreende entre meio salário a um salário mínimo.

Quanto ao nível de escolaridade e condições de inserção no mercado de trabalho dos pais dos jovens novamente não se identifica expressivas diferenças entre os bairros. Destaca-se no caso das mães as atividades de doméstica, diarista e auxiliar de serviços gerais. Em relação aos pais ou padrastos sobressaem-se as atividades de pedreiro, mecânico e auxiliar de

serviços gerais. O que se observa é uma diferença no tocante ao nível de escolaridade, em que as mães são mais escolarizadas do que os pais, em ambos os bairros.

### **EDUCAÇÃO, TRABALHO, CIDADE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: O QUE PENSAM OS JOVENS.**

Com o objetivo de identificar de que forma a dimensão territorial apresenta-se como elemento que interfere nas vivências e perspectivas dos jovens, foram desenvolvidas abordagens grupais com os participantes de ambos os bairros que permitiram apreender as percepções dos mesmos referentes a temáticas fundamentais para as experiências juvenis na contemporaneidade.

A discussão referente ao tema educação objetivou identificar o que pensam os jovens sobre a escola, a qualidade do ensino que receberam e suas perspectivas em relação ao estudo.

Os jovens de São Pedro observaram aspectos referentes à comparação entre a escola pública e a escola privada e o principal elemento de preocupação destes jovens é a inferioridade da escola pública em relação à particular e as desvantagens provenientes de ser oriundo de escola pública na hora de concorrer a uma vaga no vestibular.

“Porque você estuda numa escola pública e vai tentar vestibular na federal... a maioria das pessoas não consegue passar”. “Se você for ver numa universidade privada hoje, tem mais ex-alunos de escolas públicas. Por quê? Porque eles trabalham para pagar a universidade”. (Jovens de São Pedro)

Em suas falas também não deixam de mencionar, embora secundariamente, a responsabilidade individual de cada um quanto ao empenho para obter sucesso nos processos de seleção. Destacaram ainda a necessidade de boa remuneração para o professor e melhores condições de trabalho e responsabilizaram ainda o Estado pela qualidade da educação.

Já os jovens de Dom Bosco, quando questionados sobre o assunto, não apresentaram o mesmo discurso dos jovens de São Pedro, sendo que suas falas se restringiram ao momento atual e não traziam nenhuma preocupação coletiva em relação à inserção na universidade. Em suas falas estavam presentes o comportamento dos alunos e a qualificação dos professores: “*O problema não são os professores, são os alunos; os professores são qualificados; em colégio estadual os alunos brincam demais. Do colégio particular é obrigado a calar a boca*”. (Jovem Dom Bosco)

Os jovens de São Pedro destacaram ainda que pretendem continuar os estudos porque não tem outro jeito: *“Ou a gente estuda, ou a gente trabalha e ganha muito pouco”*; *“A gente não quer um futuro normal. A gente quer uma coisa com sucesso”*.

Já os jovens de Dom Bosco são mais objetivos e diretos: *“Não gosto de estudar, nunca gostei.”* *“Às vezes desanimo de estudar, porque tomei pau”*. Destaca-se que essas são falas de jovens do sexo masculino que diferenciam-se das perspectivas das jovens do sexo feminino: *“Quero fazer prova para Marinha, depois do ensino-médio.”* *“Também quero”*.

Andrade e Neto (2009) destacam que a escolaridade, relacionada com a faixa etária, opera importantes diferenciações juvenis, especialmente se cotejada com a situação de vida das famílias dos jovens – determinada, principalmente, pelo status socioeconômico –, com sexo, cor, local de moradia, clivagens intergeracionais etc.

Nesse sentido, pensar em processo de juventude e em condição social juvenil significa, necessariamente, pensar em um conjunto de processos de diferenciação sendo que a situação dos jovens perante o sistema de ensino é um deles por explicitar as desigualdades e oportunidades limitadas que marcam expressivos grupos de jovens brasileiros.

No tocante ao tema trabalho destaca-se que no conjunto das preocupações juvenis, o ingresso no mercado de trabalho sempre ocupou lugar de destaque e neste estudo as falas dos jovens corroboram a centralidade que o trabalho ocupa em suas vidas. As oportunidades de acesso e obtenção do primeiro emprego figuraram como a principal demanda dos jovens do projeto.

Quando indagados sobre suas percepções em relação ao trabalho na atualidade, a partir da pergunta *“Existe trabalho para todos?”*, os jovens pesquisados dividiram-se em suas respostas.

Os que afirmaram que não, e os jovens do Dom Bosco se enquadram neste tipo de resposta, observaram que *“não há, por falta de estudo”* ou devido à exigência de experiência: *“Eu nunca trabalhei em lugar nenhum; já passei por cinco entrevistas no mês que passou: ‘Você tem experiência? Não. Quem nunca trabalhou nunca vai ter oportunidade de ter experiência’*”.

Já para alguns jovens de São Pedro a responsabilidade é do indivíduo: *“Eu acho que tem gente que não está afim”*. *“Se a gente ficar aqui, o emprego não vai vim...”* *“De ‘mão beijada’”*. *“Tem que procurar.”* Poucos foram os que emitiram opinião contrária: *“Mas só*

que... sei lá. Eu insisto na falta de oportunidade”. Estes foram prontamente rebatidos pelos que responsabilizaram o indivíduo pela situação: *“Falta sim, mas não pode ficar sentado pensando: ‘Ah, não tem’.”* *“Não tem e eu não vou fazer nada”*.

Os jovens de São Pedro incorporam o discurso da responsabilidade única e exclusiva do indivíduo em relação ao seu sucesso ou fracasso e destacam a importância do estudo para a inserção no mercado de trabalho devido à competição. Reproduzem dessa forma os valores que regem a complexa sociedade em que vivem. Possuem ainda essa percepção em virtude das comparações que realizam entre os diferentes segmentos com os quais convivem, seja no âmbito da família, na região de moradia, no espaço escolar e em outras relações estabelecidas.

Nesse sentido é que quando perguntados se as relações de trabalho atuais são diferentes das vivenciadas por seus pais observaram que sim.

Os jovens de São Pedro foram unânimes em afirmar que seus pais e outros familiares enfrentaram muitas dificuldades em relação ao estudo e com isso novamente apresentam a importância que o estudo tem para uma boa inserção no mercado de trabalho.

Os jovens de Dom Bosco também fizeram menções às dificuldades vivenciadas pelos pais em relação ao trabalho, mas em um tom menos contestador que os jovens de São Pedro: *“Diferente, muito diferente, pelo que meu pai fala, agora tá muito melhor. Bem melhor”;* *“Minha mãe parou de estudar para trabalhar, eu não preciso parar de estudar, para trabalhar; dá para conciliar, igual a Guarda-Mirim”*.

Em relação à pergunta “O trabalho pode trazer melhores condições de vida?”, os jovens de Dom Bosco observaram que sim, sendo responsável inclusive pela mobilidade urbana:

“Eu acho que sim, porque depois que eu passei a trabalhar foi que eu passei a ir a lugares diferentes como cinema, pizzaria”. “Eu saía porque eu tocava pagode, mas tinha vez que tinha que ir até a pé pros lugar aí...”. (Jovens de Dom Bosco).

Em relação às experiências de trabalho, os jovens que já a tiveram observaram que é uma experiência boa, mas que é difícil conciliar trabalho e estudo:

“Eu já trabalhei, só que igual ele falou mesmo. Eu parei de trabalhar porque não tava conseguindo conciliar o serviço com a escola. Então eu preferi a escola, claro. (...) Sempre bom, mas eu prefiro o estudo porque eu ainda tô nova e minha fase ainda é para estudar, mas tarde eu vou trabalhar. Mas eu prefiro terminar os estudos agora.” (Jovem de São Pedro).

Os jovens pobres são forçados a ingressar precocemente no mercado, diante de circunstâncias que os impedem de continuar os estudos, como a necessidade de incrementar a renda familiar e a impossibilidade de os pais continuarem investindo na sua educação, dentre tantas outras. Nesse sentido, um conjunto de barreiras dificultam o acesso e a permanência dos jovens na escola, incluindo a necessidade imperiosa pelo trabalho.

O ingresso prematuro e precário dos jovens pobres na atividade econômica, com o conseqüente abandono dos bancos escolares, acaba por comprometer o desenvolvimento de suas capacidades para toda vida, perpetuando e ampliando o ciclo de pobreza em que grande parte de suas famílias encontra-se imerso.

Destaca-se que em relação aos jovens do projeto dois deles, ambos do sexo masculino, residentes no bairro Dom Bosco, não conseguiram chegar até o final das atividades do projeto, já que tiveram que optar pela inserção no mercado de trabalho a continuar participando das oficinas.

No tocante à discussão sobre a cidade, quando questionados sobre a relação que estabelecem com a mesma, a partir dos lugares que têm costume de freqüentar, os jovens de São Pedro observaram que no bairro há um *“Point (uma lanchonete)”* que a maioria dos jovens freqüenta. Observaram ainda que tem *“o Parque Halfeld”*. *“Tem pagode”*. *“Show, a gente gosta de freqüentar show. E também a gente gosta de reunir os amigos e ir para uma lanchonete lanchar e conversar. Ver um filme no cinema”*. *“Até mesmo ficar na rua é bom”*.

Os jovens de Dom Bosco não diferem muito dos de São Pedro: *“Show, Cinema”*. Mas há aqueles que em virtude de outras atividades freqüentam *“Vários bairros no campeonato de futebol: São Benedito, Santos Dumont, Cerâmica”*; *“Vários lugares. Não freqüento festa aqui no bairro não”*; *“Carnaval, bateria; toco pagode em vários lugares”*.

Os jovens em nenhum momento fizeram menção ao espaço da escola e a outras atividades do cotidiano que poderiam ser significativas em suas vivências. A reunião com os amigos é a atividade preferida. Os locais destinados ao lazer, às horas livres, são os mais expressivos, já que não aparecem em suas falas a escola e as experiências nos ambientes de trabalho, quando já a possuem, ou ainda o acesso a equipamentos públicos.

Em relação ao uso que fazem dos equipamentos públicos, os jovens foram indagados se fazem uso do posto de saúde do bairro, do transporte urbano e de outros serviços.

Os jovens de ambos os bairros ao responderem a questão problematizaram principalmente a qualidade dos serviços de saúde e se remeteram a vivências pessoais para exemplificarem suas opiniões:

“Se for uma emergência, aqui no posto de saúde a gente não tem base nenhuma. E mesmo porque tem vez que a gente chega ali seis horas da manhã para marcar a fila tá lotada. Só tem oito vagas, então a gente não consegue vaga. A saúde é precária”. “É, e equipamentos para fazer exames nunca tem. Qualquer coisa que você vai no médico é virose. Tudo é virose”.(Jovens de São Pedro)

Quanto às melhorias necessárias para Juiz de Fora tornar-se uma cidade melhor, os jovens de São Pedro elencaram o transporte público, a partir da insatisfação com os horários, com a superlotação, a falta de auxílio-transporte para os alunos de escolas estaduais, a saúde e segurança pública.

Destaca-se a assimilação que os jovens fazem das informações veiculadas nos meios de comunicação, o que aponta para a interferência destes no cotidiano desses jovens, seja via reprodução de discursos ou críticas em torno das mensagens transmitidas.

Indagados sobre a mesma questão “O que precisa mudar aqui em Juiz de Fora?”, os jovens de Dom Bosco mais uma vez recorrem ao universo cultural que possuem para responder à questão proposta e observaram que “*Precisar mudar nada não, aqui é bom. Ah, podia ter mais show de graça na praça, essas praças ficam todas vazias*”.

A discussão em torno da temática participação política apresentou-se para o estudo como central em virtude da necessidade de apreender as perspectivas de ação e de futuro vislumbradas pelos jovens tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Castro e Vasconcelos (2009) ao discutirem participação política dos jovens na contemporaneidade observam que a idéia de participação está diretamente relacionada à possibilidade de constituição de um processo político que permita a uma sociedade evoluir no manejo de seus instrumentos democráticos, bem como propiciar que os diversos interesses conflitantes sejam trazidos à tona para a arena pública.

A apreensão dos jovens pobres como interlocutores nas arenas de disputas deve recuperar as especificidades vivenciadas por esses sujeitos no interior do mundo contemporâneo e globalizado, como experiência sócio-cultural particular, marcada pelo não-trabalho, pela pobreza e pelos seus territórios de origem na dinâmica da cidade.

Quando questionados sobre a importância da participação em movimentos sociais, associações e participação política ativa, os jovens de São Pedro observaram que a política está presente o tempo todo nas relações:

“Igual assim, a gente aprendeu no curso, política não é só política que você vê na televisão. Todo momento você está envolvido com a política. Na escola que tem um movimento cultural, nessas organizações de bairro, tudo tá envolvido política. Eu acho importante”. (Jovem de São Pedro)

Os jovens de Dom Bosco, em relação à questão, mais uma vez se posicionaram de forma direta e objetiva: “*Acho que sim*”. “*Sim, pra quem gosta, eu não tenho interesse*”.

Quanto à participação em algum movimento, os jovens de São Pedro dividiram-se em suas respostas: “*Não*”; “*Não, eu participo*”. “*A gente participa da comissão cultural do colégio e do movimento estudantil*”.

Motivados a problematizarem a questão, os jovens estabeleceram o seguinte diálogo:

“O resultado não é imediato. Você sempre tem que estar ali reivindicando seus direitos. Você sempre tem que estar ali presente, porque senão... Não adianta você chegar lá e falar ‘Vou reivindicar por isso hoje’ e isso vai acontecer hoje porque não vai”. “Porque se você não fizer nada, ou você fica sentado esperando mudar, ou você faz”. “E ficar sentado esperando mudar...”. “A gente não tem que se acomodar. A gente tem que estar sempre lutando e puxando...”.  
(Jovens de São Pedro)

Por terem demonstrado desinteresse em relação ao assunto, os jovens de Dom Bosco foram questionados no tocante ao fato de participarem ou não por meio de uma pergunta que fazia menção a um fato que lhes dizia respeito, ou seja, o fechamento da escola do bairro.

Nesse sentido, foi feita a seguinte pergunta: “Vocês participaram da manifestação do fechamento da escola Dom Oriane?” e as respostas foram as seguintes: “*Sim, porque a gente era do ‘reggae bem’*”. Relataram então a experiência da manifestação dos moradores do bairro para a reabertura da escola, observando que a participação de alguns jovens do projeto foi via grupo de percussão do qual fazem parte.

Destaca-se no tocante à participação diferenças significativas de percepção e entendimento do assunto quando são realizadas comparações dos conteúdos das falas dos jovens. Observa-se que os jovens do bairro São Pedro apreenderam os conteúdos discutidos nas oficinas, sobretudo de Cultura Política, e fizeram uso de termos e reflexões desenvolvidas

nos espaços da oficina com clareza e desprendimento. Já os jovens de Dom Bosco mostraram-se resistentes à discussão referente ao assunto e só se sentiram motivados a falar quando lembrados de experiências recentes de mobilização no bairro em virtude dos problemas vivenciados pela comunidade. Fizeram questão ainda de frisar que participaram via manifestação cultural - “*Sim, porque a gente era do ‘reggae bem’*”, e não porque o assunto os interessava.

As falas dos jovens sobre assuntos como democracia, política e poderes de Estado, reforçam as diferenças no tocante às percepções relacionadas ao assunto.

Em relação à discussão sobre política e democracia os jovens de Dom Bosco quando motivados a falar sobre o assunto por meio das questões que foram propostas restringiram-se a respostas curtas, sem qualquer discussão entre eles sobre as opiniões individuais emitidas. Novamente os jovens de Dom Bosco emitem em seus discursos opiniões veiculadas no cotidiano, apreendidas em suas experiências comunitárias, sem demonstrações de utilização dos conteúdos trabalhados pelas oficinas.

Com base no exposto pode-se afirmar que os jovens de ambos os bairros estabelecem com a cidade uma relação diferenciada em virtude, sobretudo, do local de moradia e que essa relação influencia significativamente suas percepções e perspectivas de construção de outros espaços de participação, representação, organização e ação.

Os jovens de São Pedro demonstraram ainda maior poder de argumentação e travaram debates a partir das opiniões proferidas com o objetivo de reforçá-las, caso concordassem, ou contrapô-las, caso discordassem. Suas opiniões estavam fundamentadas em análises que por si só conseguiram desenvolver, articuladas e embasadas em conhecimentos adquiridos, como na fala em que um dos jovens observou que para haver mudanças na sociedade “*Acho que a gente tem que cobrar para que isso aconteça. A gente sabe também que há grandes grupos comerciais aí que estão acima do Governo. Esses não fazem a sua parte para melhorar a sociedade*”.

Ao ser estabelecida comparações entre os dois bairros de moradia dos jovens ficam evidenciadas as diferenças quanto à forma de ocupação do solo, a infra-estrutura urbana, a existência de equipamentos sócio-culturais, o que conseqüentemente repercute nas relações que seus habitantes estabelecem com a cidade a partir do entendimento do bairro como

configuração primeira de todo processo de apropriação do espaço, como lugar da vida pública.

Os jovens de Dom Bosco ao residirem em um local demarcado por processos de isolamento e distinção social, pelas desigualdades de acesso às políticas públicas e condições de vida de uma forma geral, caracterizando uma homogeneidade interna dessa população, internalizam e naturalizam a condição de jovens pobres.

Marques (2005) em relação a isso observa que a sociabilidade é significativamente afetada pela redução dos contatos entre grupos. Fica afetada a comunidade social e política circunscrita pela cidade, já que a ausência de contatos empobrece a esfera pública e reduz o sentimento de pertencimento entre os indivíduos. “(...) os indicadores sociais de indivíduos pobres que moram em espaços periféricos são sistematicamente piores que os de outros de iguais características sociais que habitam áreas majoritariamente ocupadas por grupos sociais de melhor condição”. (MARQUES, 2005, p. 44).

No que se refere ao bairro São Pedro é possível afirmar que diferentemente do bairro Dom Bosco, a heterogeneidade interna de distribuição dos grupos no espaço proporciona formas de sociabilidades diferenciadas e conseqüentemente uma experiência urbana demarcada por perspectivas de mobilidades.

Nesse sentido, os jovens de São Pedro vivenciam processos que articulam possibilidades reais de estranhamento com um movimento de desnaturalização da desigualdade proporcionados pela inserção sócio-espacial. Isso pode ser constatado na fala de uma das jovens que ao tecer considerações sobre os novos investimentos na região destacou que “(...) *Tudo bem que São Pedro melhorou, mas eles estão chamando de Cidade Alta porque muito rico estão fazendo casa neste condomínio. Tudo mudando, mas a pobreza continua a mesma. Gente passando dificuldade é do mesmo jeito, não diminuiu nada*”. Para esses jovens, a partir da reconstrução de escalas de entendimento e apreensão do mundo, ao identificarem as distâncias sociais, é possível acreditar em mudanças a partir do momento que criam suas estratégias, projetam seu futuro, vivenciam as desigualdades, experimentam o diverso, convivem com as diferenças, percebem as contradições e vislumbram caminhos possíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude não pode ser analisada de forma unilateral, pois não é vivida igualmente por todos os indivíduos que a compõem. As formas de viver a juventude são condicionadas pelo acesso aos bens públicos, culturais, como o Estado organiza as políticas sociais para este segmento e onde se localizam os jovens na cidade.

A questão central que perpassa a juventude contemporânea está centrada num mundo que não oferece oportunidades aos jovens de se inserirem na vida social. A relativa incerteza, própria desse período etário, é multiplicada por incertezas que derivam das dificuldades vivenciadas e da variedade de cenários onde as escolhas podem estar situadas. Embora este seja um processo comum a todos os jovens, são os jovens pobres os que mais vivenciam a falta de oportunidades, já que sua condição os impõe limites mais rígidos e definidos para a realização de escolhas e realizações.

Os jovens de ambos os bairros estudados possuem um traço comum que é o mesmo perfil sócio-econômico e o precário acesso aos serviços de educação, assistência social, saúde, profissionalização, etc; porém experimentam o cotidiano de forma diferenciada, entre si, e em comparação com a juventude brasileira, em função das particularidades sociais, culturais, econômicas e territoriais que vivenciam.

Por meio das análises desenvolvidas pode-se afirmar que a configuração territorial contribui para uma diferença entre os jovens na forma de se relacionarem com o outro, com as instituições e com a própria cidade, sendo este elemento importante para suas perspectivas de participação e futuro. As dinâmicas sócio-espaciais que possuem interferem em suas experiências sócio-culturais, nas vivências e interações interpessoais e com as instituições.

Nota-se ainda que a educação e o trabalho marcam suas condições de vida, questões comuns a outros jovens do país, o que caracteriza um quadro em que estes sujeitos vivenciam uma situação de geração.

As ações destinadas aos jovens urbanos precisam levar em consideração as especificidades vivenciadas por esses sujeitos na contemporaneidade, como experiência sócio-cultural particular, experiência essa de uma geração marcada pelo desemprego e pelos seus territórios de origem na dinâmica da cidade. Essas ações podem contribuir para que os jovens filhos de indivíduos pertencentes à classe trabalhadora, e que hoje reproduzem sua

vida em condições de incerteza, precariedade, inseridos em bairros periféricos, tenham possibilidades reais de participação na vida social.

A compreensão da participação dos jovens na construção da sociedade demanda a análise do contexto de desigualdade social e a forma como se reconhecem como parte da sociedade, ou seja, o pertencimento a uma coletividade está intrinsecamente relacionado às condições subjetivas que dão forma a essa identificação.

É a partir deste contexto que se pode pensar a questão da juventude na relação entre dinâmicas sócio-espaciais e perspectivas de participação e futuro. Para isso é preciso recuperar as especificidades vivenciadas por esses sujeitos no interior do mundo contemporâneo e globalizado, como experiência sócio-cultural particular, marcada pelo não-trabalho, pela pobreza e pelos seus territórios de origem na dinâmica da cidade.

## SOCIO-SPATIAL DYNAMICS AND THE EXPERIENCES OF YOUNG PEOPLE IN THE UNEQUAL CITY

### ABSTRACT

This article focuses on analyzing the effects of territory on the behavior of poor young people. For this purpose, it analyzes youth, which is considered as a socially created category, and its relation with space and historical time; and territory, based on the relations established by young people through their acts and daily interactions in the spaces of a city and the consequent repercussions, with regards to the limits and possibilities of participation by these subjects. The results of the study show that young people with the same socio-economic profile, but who experience different socio-spatial contexts, have different expectations for the future as a result of the inequality experienced in the city.

**Keywords:** Poor youth, territory and political action

### Notas:

<sup>1</sup> Dados referentes ao município extraídos do Plano Estratégico de Juiz de Fora - Plano JF - Relatório Final/Documento de Trabalho, 2000 e do Atlas Social de Juiz de Fora, 2006.

<sup>2</sup> Segundo STEHLING (1979), os alemães que chegaram na cidade em 1858 foram contratados para trabalhar na construção da primeira estrada pavimentada do Brasil, a União-Indústria, ligando Juiz de Fora a Petrópolis. Os alemães se concentraram na Colônia D. Pedro II ou Colônia de Cima (bairro São Pedro), na Colônia do Meio (bairro Borboleta) ou na Colônia de Baixo (bairro Fábrica).

<sup>3</sup> De acordo com o Atlas Social 2006 existem 17 microáreas de exclusão social na região, caracterizadas por ocupação irregular, habitações precárias, pouca ou nenhuma infra-estrutura urbana e condição socioeconômica baixa. Essas localidades, somadas a outras que se destacam pelas condições precárias de vida de seus habitantes e por índices relativamente altos de ações violentas (Jardim Casablanca, Caiçaras) se comparados com os demais bairros, são alvos de preconceitos por parte dos demais habitantes da região.

<sup>4</sup> Projeto de ensino, pesquisa e extensão voltado para a articulação entre as temáticas do trabalho, das gerações e da cultura por meio de trabalho sócio-educativo e sócio-cultural junto a jovens, idosos, famílias e escolas públicas dos dois bairros citados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. R; NETO, M. F. Juventudes e Trajetórias Escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, M; et al. (Orgs.) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 57-80.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE JUIZ DE FORA. Juiz de Fora: Centro de Pesquisas Sociais/CPS da UFJF, 2009. Disponível em [www.pjf.mg.gov.br/cidade/anuario\\_2009/index.html](http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/anuario_2009/index.html)

BALBIM, R. A quinta dimensão do espaço. Cotidiano e práticas espaciais. In: SOUZA, M. A. de S; et al. (Orgs.). *Território brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Territorial, 2003. p. 154-173.

CASSAB, M. A. T. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.

CASSAB, M. A. T; NEGREIROS, A. Jovens trabalhadores e o debate da redução da jornada de trabalho. *Revista Versus Acadêmica*. Rio de Janeiro: UFRJ, abril de 2010. p. 85-91.

CASTRO, M. G; VASCONCELOS, A. Juventudes e participação política na contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: ABRAMOVAY, M; et al. (Orgs.) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 81-118.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HARVEY, D. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

IPEA. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2010.

LAVINAS, L. Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática. *Econômica*, v.4, n.1, p. 25-59, junho 2002.

MARQUES, E. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: MARQUES, E. e TORRES, H. (Org.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005, p.19-56.

NOVAES, R. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias um debate em curso. In: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. de C. (Orgs.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2008. p. 121-141.

OLIVEIRA, F. de. O Estado e o Urbano no Brasil. In: *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: Cortez, n. 6, p. 36-54, jun/set. 1982.

\_\_\_\_\_. *O elo perdido: classe e identidade de classe na Bahia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PLANO ESTRATÉGICO DE JUIZ DE FORA – Plano JF – Relatório Final/ Documento de trabalho. Juiz de Fora, 2000.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DE JUIZ DE FORA - Relatório Final/ Documento de trabalho. Juiz de Fora, 2007.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. É possível uma política urbana contra a exclusão? *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, ano XXIII, nº 72, p. 53-61, nov. 2002.

SANTOS, M. *O Espaço do cidadão*. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1993.

STEHLING, L. J. *Juiz de Fora: a Companhia União e Indústria e os alemães*. Edição da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora/Documentário histórico; 1979.

TAVARES, G. M. (Org.). *Atlas social – Juiz de Fora: diagnóstico*. Juiz de Fora: Prefeitura de Juiz de Fora, 2006.

TORRES, H. da G; MARQUES, E. Políticas sociais e território: uma abordagem metropolitana. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 18, n. 4. out./dez. 2004. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000400005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000400005&script=sci_arttext)